

RETÓRICA E ARGUMENTAÇÃO NA TEORIA SEMIOLINGUÍSTICA QUE PRATICAMOS

Ida Lucia Machado

Universidade Federal de Minas Gerais

Introdução

Neste artigo, temos a intenção de apresentar nossa leitura ou interpretação da obra do linguista francês Patrick Charaudeau, mais especificamente a parte no que se refere às relações sempre íntimas que sua Teoria Semiolinguística da Análise do Discurso (AD) mantém com as teorias retórico-argumentativas da linguagem. Gostaríamos, portanto, de ressaltar que, ao adotar essa teoria como uma de nossas preferidas no domínio da AD, nela elaboramos algumas adaptações em função dos *corpora* com os quais trabalhamos, aqui no Brasil.

Acreditamos que este movimento seja natural, em se tratando de uma teoria originária da França e, *a priori*, concebida em função de uma cultura e prática francesas no âmbito da discursividade. No entanto, como já afirmaram Machado e Mendes (2010, p. 7-20) e Machado (2010, p. 203-230), as teorias de origem estrangeira fatalmente se modificam, quando em contato com a cultura nacional. No caso da AD, notamos que, a cada novo ano, novos *corpora* nos eram apresentados pelos acadêmicos e que os mesmos se distanciavam daqueles tratados no país de origem da Teoria Semiolinguística. Entre os diversos casos, citamos, apenas a título de ilustração: *corpora* advindos do teatro contemporâneo, das literaturas francesa e brasileira, da Filosofia, da Arquitetura, juntamente a outros mais usuais na França – aqueles que se referiam às mídias e à publicidade, por exemplo.

Mais recentemente, embrenhamo-nos na floresta densa dos escritos genealógicos: biografias, autobiografias, memórias. Entre várias possibilidades, escolhemos a via da narrativa do discurso (*récit de vie*), encontrada em Bertaux (1997), por acreditar ser ela mais adaptada à AD que habitualmente pesquisamos. Logicamente, a pesquisa sobre a narrativa de vida ganhou não só nossa visão pessoal, como também sofreu uma adaptação consoante com a da teoria discursiva.

Assim é o paradoxo do pesquisador do discurso: ainda que inventivo, nada cria, tudo absorve e transforma. Pelo menos é essa a sensação que temos ao redigir este artigo, fruto de uma conferência realizada em um congresso dedicado à Argumentação e à Retórica¹.

¹ II Seminário de Estudos sobre Discurso e Argumentação – SEDIAR, realizado na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, de 5 a 7 de novembro de 2014.

Nosso objetivo é o de mostrar uma teoria de análise do discurso que demonstre justamente sua abertura para a Argumentação e para a Retórica, como deverá também oferecer um instrumental que se adapte à análise de diferentes materialidades discursivas e não fique restrita apenas a alguns *corpora* pontuais. Assim, para comprovar a maleabilidade da teoria de AD em tela, ao demonstramos este ou aquele ponto teórico, usaremos excertos provenientes de diferentes narrativas de vida². Assim agindo, esperamos enfatizar para a construção narrativa desses segmentos geradores de estratégias de captação; para tanto não nos furtaremos, aqui ou acolá, de expor alguns comentários sobre eles.

Nessa linha de raciocínio, começamos por incluir uma opinião do cineasta franco-suíço Jean-Luc Godard, famoso na França e no mundo do cinema em geral, nos anos 70, por sua ironia imaginativa e por ser um dos precursores do movimento denominado *Nouvelle Vague*. Trata-se de um comentário realizado por ele em um jornal britânico, no qual se mostrou bastante indignado com a atitude da primeira ministra alemã, Angela Merkel, como a de outros dirigentes políticos, membros da União Europeia (UE). Tais dirigentes atribuíram o motivo da grande crise que se abateu sobre alguns países da Europa à péssima situação e atuação da Grécia no bloco econômico europeu, cujos habitantes foram considerados “maus alunos”, por Merkel e pela UE. Na entrevista para o jornal *The Guardian*, Godard declarou o seguinte:

Os gregos nos deram a lógica. Temos uma dívida com eles. Foi Aristóteles quem nos trouxe a lógica com seu famoso *portanto*. [...] Se cada vez que utilizássemos a palavra *portanto* pagássemos 10 euros para a Grécia, a crise terminaria de um dia para outro e os gregos não precisariam vender o *Partenon* para os alemães. Cada vez que Angela Merkel diz aos gregos: “Nós lhes emprestamos esse dinheiro todo, *portanto* vocês têm que nos reembolsá-lo com juros”, ela deveria, para começo de conversa, lhes pagar seus direitos de autor. (GODARD apud SALMON, 2012, p.220).³

² A narrativa de vida e sua apropriação/estudo pelo viés da AD é nosso tema de pesquisa nos Projetos CNPq números 310595/2009-6 e 304049/2012-3.

³ Tradução nossa de: “Les Grecs nous ont donné la logique. Nous avons une dette envers eux pour ça. C’est Aristote qui l’a apportée avec le fameux *donc*. [...] Si chaque fois que nous utilisons le mot *donc*, nous devons payer dix euros à la Grèce, la crise serait terminée du jour au lendemain et les Grecs n’auraient pas besoin de vendre le Parthénon aux Allemands. Chaque fois qu’Angela Merkel dit aux Grecs: “Nous vous avons prêté tout cet argent, *donc* vous devez nous rembourser avec les intérêts”, elle devrait d’abord leur payer des droits d’auteur”.

A nosso ver, tal raciocínio é bem lúcido. Godard mescla a lógica da argumentação com a emoção da indignação. Para nós, essa é umas das formas de argumentação que deve ser considerada no âmbito da Análise do Discurso (AD): algo vasto, sutil e que não se abstém de emoção.

Como analistas do discurso, cabe explicar por que temos mais afinidade com a análise Semiolinguística do Discurso do que com as outras, embora respeitando todas as teorias discursivas. Assim, surgiu a ideia de escrever um artigo considerando-se nossas aquisições e práticas nesta área, além de aproveitar os estudos que nela já realizamos há algum tempo, a fim de ressaltar as atitudes da supracitada teoria face à Retórica e à Argumentação.

A primeira fase da Semiolinguística & Argumentação e Retórica

Destacamos três períodos ou fases da Semiolinguística em que é tratado especificamente o assunto que nos interessa. Com o caráter metodológico de estudo, situamos a primeira fase no período de 1983 a 1992.

O ponto de partida situa-se no primeiro exemplar de Charaudeau, *Langage et Discours* (1983). Ao lançar sua teoria de análise do discurso, o linguista explica, no capítulo III, que:

O ato de linguagem é pois o resultado de uma encenação discursiva, feita por sujeitos agentes (EU comunicante e TU interpretante) a partir de um material linguageiro semântico-formal que se organiza por meio de contratos e estratégias de fala.[...] Tal encenação depende de diversas *ordens de organização*, assim como uma encenação teatral depende do espaço, da luz, da decoração, dos lugares e movimentos dos atores. Cada ordem de organização compreende vários componentes da competência *linguística* do sujeito, que ele utilizará para construir sua encenação *discursiva*. (CHARAUDEAU, 1983, p.58)⁴

⁴ Tradução nossa de: “L’acte de langage est donc le résultat d’une mise en scène discursive faite par des sujets agissants (JEC et TUi), avec une matière langagière sémantico-formelle qui s’organise en contrat et stratégies de parole. [...] Cette mise en scène dépend de divers *ordres d’organisation*, de même qu’au théâtre une mise en scène dépend de l’espace, de la lumière, des décors, des places et mouvements des acteurs. Chaque ordre d’organisation comprend plusieurs composantes qui la définissent et qui constituent par là même, les composantes de la compétence *linguistique* du sujet, que celui-ci utilisera pour construire sa mise en scène *discursive*”.

Entre essas “ordens de organização” figuram, semelhantemente, com a *ordem enunciativa e a narrativa, as ordens argumentativa e retórica*. Acreditamos já ser este fato algo inovador em uma teoria analítico-discursiva concebida no final dos anos 70, fruto da tese de Charaudeau.

Traçaremos apenas em grandes linhas o que o teórico denomina de *aparelhos argumentativo e retórico*, em um trecho da obra de 1983, por nós aqui exposto e adaptado:

Todo processo de argumentação é regido por um princípio argumentativo que se compõe de:

- Um tema que mostra o que vai ser argumentado: trata-se assim de argumentar sobre X.
- Um enunciado que especifica o quadro de raciocínio no qual tal tema será desenvolvido, donde a fórmula: **Se p, então q.**
- Um ato de persuasão que escora a força argumentativa. Tal enunciação combina um ato de linguagem *elocutivo*, pois parte de um sujeito-falante, com um ato de linguagem *alocutivo*, pois implica a existência de um TU que deve ser convencido pelo raciocínio apresentado em **p** e de sua relação de implicação com **q**.

Para melhor explicitar a relação desses componentes, exemplificaremos com um fragmento retirado de um livro que descreve a história de uma vida. Nele, o narrador declara:

Este livro não é um resumo, ele é mais uma tentativa, um esforço desesperado para ligar as diferentes camadas de minha vida às suas raízes. Que o leitor não procure nessas páginas uma autobiografia estruturada e precisa. São diferentes lugares vividos que foram encadeados uns aos outros na memória e que [nela] ainda se confundem (APPELFELD, 2004, p.11)⁵

No excerto, o narrador argumenta, por meio de um *ato elocutivo* (é ele, o próprio narrador, quem argumenta ao narrar) e *alocutivo* (ato este representado pelo apelo feito ao leitor). A argumentação é colocada sobre o que deve ser a correta apreensão do livro em pauta: não deve ser considerado como autobiografia precisa, como tantas outras existentes no universo lite-

⁵ Tradução nossa de: “Ce livre n’est pas un résumé, mais plutôt une tentative, un effort désespéré pour relier les différentes strates de ma vie à leur racine. Que le lecteur ne cherche pas dans ces pages une autobiographie structurée et précise. Ce sont différents lieux de vie qui se sont enchaînés les uns aux autres dans la mémoire et convulsent encore”.

rário. O narrador retrata fatos de sua vida que foram se encadeando no processo de recuperação da memória, sem se preocupar com os cânones que regem o gênero autobiografia.

Em termos mais sintéticos, a argumentação poderia ser assim explicada: a partir do que o *sujeito-autor-narrador* Appelfeld sustenta, o leitor é solicitado a modalizar sua expectativa quanto à narrativa do livro. Ele não deve esperar que este seja um exemplo perfeito do gênero autobiográfico: a obra contém apenas – o que já é muito – *visões* do passado do autor. Ou, segundo a Semiologia (CHARAUDEAU, 1983, p. 71), no domínio da argumentação no discurso, seria um tipo de enunciação que poderia ser classificado como “enunciação argumentativa-justificativa”.

Vejam, a seguir, como o supracitado teórico, ainda em 1983, já incluía a Retórica como um elemento imbricado à AD. Na obra *Langage et Discours*, percebe-se que o “Elemento Retórico” ali apresentado, em quatro páginas, mantém alguma semelhança com a visão que a Linguística Textual fornece às suas análises. Segundo o autor – o Charaudeau de 1983 –, a AD necessita considerar as *operações retóricas* que os diferentes locutores, em seus diferentes contratos comunicativos criam, para melhor influenciar o outro. Não se trata, segundo ele, de se recorrer a um *Tratado de Figuras*, mas, sim, atribuir outras terminologias, mais linguísticas e modernas ao discurso. O linguista acaba por destacar, nessa parte dedicada à retórica na análise do discurso de seu primeiro livro, a importância não só da ironia mas também de outras figuras de linguagem como: metáfora, hipérbole e metonímia.

Outro ponto interessante que observamos é que Charaudeau está preocupado, desde 1983, com a recepção dos enunciados. Tal fato mostra a modernidade de sua teoria de análise do discurso. Muito já se reprovou à AD Semiologia de somente se preocupar com a produção dos enunciados; no entanto, em uma leitura mais cuidadosa, é possível notar que, a inclusão da Retórica ou a parte a ela consagrada, já põe em relevo essa recepção. Um exemplo dentre tantos, que nós, particularmente utilizamos em demasia: o uso da ironia como estratégia retórica não atingirá os fins desejados pelo seu sujeito-enunciador se ela não for captada pelo sujeito-interpretante ou receptor.

Ora, se pretendermos que uma comunicação apelativa a figuras de retórica se realize e que o nosso interlocutor perceba o sentido implícito do que estamos proferindo, teremos que lhe fornecer pistas para tanto. Muitas vezes isso não acontece e, conseqüentemente, os usos retóricos não são decodificados. Tal fato pode ocorrer também com outros fenômenos linguageiros geradores de implícitos: palavras em língua estrangeira, gírias, *slogans* publicitários usuais à linguagem cotidiana, certos provérbios etc.

Os efeitos esperados ou obtidos na interação entre sujeitos constituem uma retórica interna que comanda essas trocas, sejam elas orais ou escritas. “O que justifica a atividade retórica é a possibilidade de produção e de reconhecimento de uma operação que, desde que vista como tal, comece a produzir um efeito linguageiro”. (CHARAUDEAU, 1983, p.80)⁶

Eis alguns vocábulos pertencentes (tudo indica) a um diário que se transformou em livro de José Saramago e que são por nós apresentados na tentativa de melhor explicar o fenômeno da recepção na AD. Antecipamos que os enunciados que as contêm são por nós considerados como *transgressivos* – no sentido lúdico do termo. O fato que nos conduz a essa interpretação é a dessacralização – realizada com ironia e humor – de uma personagem religiosa, cuja bondade foi sempre elogiada, em respeitáveis discursos⁷. Ora, a transgressão, no caso, desconstitui o que é sério e é fruto de uma escrita que demanda a presença da ironia e do humor.

Para que o excerto de Saramago ilustre o que dissemos, de forma analítico-discursiva, é preciso considerar os enunciados que o compõem como *local de encontro* entre os aparelhos enunciativo, narrativo e retórico da Semiologia:

Desconfio que, lá no fundo, Inês Conxha Bojaxhiu não queria que os pobres lhe acabassem; duvido mesmo que o mais importante para ela fosse sarar as enfermidades do corpo dos infelizes/.../ A suprema preocupação de Madre Tereza de Calcutá consistia em salvar as almas aos pobrezinhos, e, quando a prioridade é essa, então quanto mais depressa eles se libertam do carnal e sofredor invólucro, melhor. (SARAMAGO, 1999, p. 420-421)

Como se pode notar, a opinião de Saramago sobre Madre Tereza é bem irônica, característica da escritura ou da retórica do autor português, como de sua desconfiada e divertida visão sobre indivíduos por demais ilustres ou endeusados. Do ponto de vista semiolinguístico, notamos a reunião dos aparelhos enunciativo, retórico e narrativo que, assim conjugados, apontam claramente para a expectativa de provocar uma reação em seus sujeitos-receptores ou interpretantes: seja um sorriso nos admiradores de escritos irônicos, seja a indignação nos defensores do não-humor ou do humor fiscalizado.

⁶ Tradução nossa de: “Ce qui justifie l’activité rhétorique, c’est la possibilité de production et de reconnaissance d’une opération qui, dès qu’elle est repérée comme telle, se met à produire un effet langagier”.

⁷ Para nós um “discurso sério” é aquele em que não entram elementos lúdicos como a ironia e o humor, entre outros.

Em outras palavras, esses ditos irônicos e, portanto, provocativos – desejo subversivo de desmitificação característico de Saramago – solicita a reação do outro (seu parceiro da comunicação), seja de forma cúmplice ou indignada: ela é necessária ao jogo irônico. Se uma leitura de segundo grau – a que considera a provocação implícita dos enunciados – não for concebida por tal parceiro, a comunicação entre o sujeito-escriptor e o sujeito-leitor será truncada, e mais que isso: será sem razão de ser, pois ignorará o fazer-lúdico do escritor.

A segunda fase da Semiologia & argumentação e retórica

Localizaremos tal fase entre 1992 e o início de 2000. Assim, seu início se dará com a edição do livro *Grammaire du sens et de l'expression* (1992). Nele, o autor refaz a concepção dos “aparelhos que organizam o discurso”, apresentada em 1983. A partir de agora, passa a denominá-los de “modos de organização do discurso”. Em decorrência disso, surgem, então, os modos de organização enunciativo, descritivo, narrativo e argumentativo. O modo retórico é retomado, mas de forma mais discreta do que em 1983, inserido ou disseminado nos modos de organização descritivo e narrativo do discurso.

A Retórica, assim concebida, entre um modo de organização e outro, pode agregar ambos, formando uma curiosa estratégia que personifica determinadas narrativas. Tal é, para nós, o caso do trecho de um romance de Patrick Modiano que transcrevemos a seguir:

Meus olhos bateram, por acaso, em uma rubrica na parte de baixo de uma página, onde havia uma lista dos passeios e conferências do dia seguinte:

Torre Eiffel. 15 horas. Encontro no Pilar Norte.

Curiosidades e subterrâneo da montanha Sainte-Geneviève. 15 horas. Local de encontro: Metrô Cardinal Lemoine.

O velho Montmartre. 15 horas. Local de encontro: metrô Lamarck-Caulaincourt.

Cem túmulos diversos em Passy. 14 horas. Local de encontro: ângulo Avenida Paul-Doumer e praça do Trocadéro.

Jardins do antigo Vaugirard. 14h30. Local de encontro: metrô Vaugirard.

Hotéis do norte do Marais. Local de encontro: saída metrô Rambuteau. 14h30. [...]

Amanhã, eu poderia sempre ter o recurso de ir a um desses passeios,

se eu me sentisse sozinho demais nessa Paris escaldante.
(MODIANO, 1984, p.14)⁸

Temos aqui uma lista que é mais que simples enumeração: ao propor uma série de passeios em Paris, ela desvenda alguns locais da cidade para o leitor, revelando, ao mesmo tempo, uma das estratégias presentes em vários romances de Modiano: o autor utiliza a descrição para melhor expor e impor, na narrativa, a cidade de Paris como uma personagem no interior de seus relatos. A descrição e a narração se imbricam e se confundem nesse jogo estratégico de estilo. Em outras palavras, ao realizar uma descrição, o escritor personifica a narração e a primeira ganha novas cores, ultrapassando sua função primeira, isto é, a de simplesmente descrever algo. No caso acima apresentado, ela coopera para fornecer à narrativa um tom misterioso: o que poderá acontecer em um desses encontros? Uma descoberta daquilo que o autor/personagem parece estar sempre a buscar? Algo que foi perdido em sua própria vida?

Que o leitor permita-nos abrir aqui um pequeno parêntese. Sabemos que é muita audácia incluir parte de um dos romances de Modiano na categoria genérica dos relatos de vida. Expliquemos melhor: o autor sempre (ou quase sempre, com poucas exceções) permite que seus livros sejam comandados pelos pensamentos ou lembranças de um narrador bastante jovem, sempre em busca de si, do seu passado, que percorre meio sem rumo as ruas de Paris na confusa época do pós-guerra.

Ora, Modiano escreve romances, faz literatura, logo, está ligado à ficção. Mas nem todos os romances se assemelham, diriam outros analistas discursivos, como nós os configuramos. O fato é que o supracitado autor consegue impregnar seus escritos de estranha sensação de melancolia proveniente de um *déjà vu* que parece apontar para uma *busca regressiva* de algo constituinte de sua vida.

Assim, “grande parte da obra de Patrick Modiano é assombrada pela Segunda Guerra mundial. Ele sente a estranha impressão de ter vivido

⁸ Tradução nossa de: “Je suis tombé, par hasard, au bas d’une page, sur une rubrique où était dressée la liste des promenades et conférences du lendemain:

La Tour Eiffel. 15h. Rendez-vous: pilier nord.

Curiosités et souterrain de la montagne Sainte-Généviève. 15 h. Rendez-vous: métro Cardinal Lemoine.

Le vieux Montmartre. 15 h. Rendez-vous: métro Lamarck-Caulaincourt.

Cent tombeaux divers à Passy. 14h. Rendez-vous: angle avenue Paul Doumer et place du Trocadéro.

Jardins du vieux Vaugirard. 14h30. Rendez-vous: métro Vaugirard.

Hôtels du Marais nord. 14h30. Rendez-vous: métro Vaugirard. [...]

Demain, j’aurais toujours la ressource d’aller à l’un de ces rendez-vous si je me sentais trop seul dans ce Paris caniculaire”.

nesse período, sendo que nasceu em 1945”, como afirma o escritor David Foenkinos (2011, p. 25)⁹. Ao procurar esclarecer esse sentimento inquietante de que Modiano escreve uma impossível biografia, Foenkinos (*op.cit.*) fornece uma interessante interpretação para tal sensação: no caso Modiano, talvez pudéssemos falar de memórias anteriores a seu nascimento...Tal afirmação, ainda que pouco lógica, é justa, sobretudo se refletirmos sobre o sentido de um enunciado do referido autor sobre a questão: “Eu tinha apenas vinte anos, mas minha memória precedia meu nascimento”¹⁰.

Fechamos aqui nosso parêntese, mas não sem antes lembrar que, tanto as considerações de Foenkinos, como os ditos de Modiano, contêm uma espécie de argumentação proveniente de uma *retórica-argumentativa fluída*, que foi provocada pela junção da descrição à narração. Mas essa é uma dedução nossa, no que diz respeito às teorias argumentativas expostas na *Grammaire du sens et de l’expression* de Charaudeau.

Efetivamente, tais teorias se condensaram no supracitado compêndio, em uma extensa parte formada pelos *Modos de organização do discurso*, dedicada especialmente ao *Modo discursivo de Argumentação*. Desse modo, a questão da Argumentação na AD irá se concentrar nas formas lógicas do raciocínio.

Fala-se, então, de “visadas persuasivas” (CHARAUDEAU, 1992, p.785) atreladas a certos exercícios comunicativos do sujeito-argumentador face ao seu interlocutor. Em suma: tal sujeito, em uma discussão na qual visa a apresentar, com clareza, certos argumentos, provas ou inferências – a fim de levar seu interlocutor a chegar a uma determinada conclusão ou, no mínimo, a um consenso –, precisa ater-se a dados, premissas, evidências para apresentar, de forma inteligente, as ideias de que provém o valor de seu raciocínio. Vários textos de caráter jurídico, publicitário, panfletário, político são adeptos desse tipo de argumentação, nos quais a visada persuasiva é exposta de modo objetivo.

Para ilustrar a questão do uso de uma *Argumentação lógica* ou que se pretende lógica, compilamos algumas palavras do ex-presidente da França, Nicolas Sarkozy, cuja maneira de argumentar já forneceu e continua a disponibilizar material para muitas análises e discussões.

Um dia desses passei uma parte da noite com os motoristas de ônibus do Tremblay, em Seine-Saint-Denis. [...] E por que eles

⁹ Tradução nossa de: “Une grande partie de l’œuvre de Patrick Modiano est hantée par la Seconde Guerre mondiale. Il éprouve l’étrange impression d’avoir vécu cette période, alors qu’il est né en 1945”.

¹⁰ Tradução nossa de: “Je n’avais que vingt ans, mais ma mémoire précédait ma naissance” (MODIANO, apud FOENKINOS, 2011, p. 25).

devem levar tijoladas no rosto, ver seus ônibus apedrejados, incendiados? Em nome de quem a gente deve aceitar isso? (Sarkozy, 25 de janeiro de 2010, *Paroles des Français*, programa de televisão do canal TF1, 21 horas, *apud* MAYAFREE, 2012, p.245)¹¹

O ex-presidente Sarkozy apresenta o estilo de discursar na forma de perguntas, como mostra o fragmento acima. Porém, tais questionamentos, geralmente, não são dirigidos aos jornalistas que o entrevistam, mas sim ao seu público. A visada persuasiva desses enunciados é evidente: um bom trabalhador como um motorista de ônibus não pode continuar a ser agredido (como aconteceu na época do discurso de Sarkozy), nem tampouco pode apreciar seu instrumento público de trabalho ser danificado.

Diremos, então, que Sarkozy parte de uma asserção inicial – *argumentar contra a violência urbana* – e, na asserção de passagem, reúne argumentos verdadeiros – *choferes agredidos, ônibus destruídos* – para chegar a uma conclusão: *como presidente, ele, Sarkozy, deve acabar com essas agressões e colocar na cadeia (ou expulsar da França, se for o caso) os vândalos que as provocam*.

Está, assim, se dirigindo aos ouvintes (telespectadores) ao selar com eles um pacto de bom senso. No caso, estaria utilizando-se da mesma tática que aparece no uso dos tópicos, em Aristóteles. O discurso ganha, desse modo, um tom dramático e teatral, provocado pelo falso questionamento, o que pode ser entendido por alguns de nós, analistas do discurso, como uma estratégia argumentativa.

À primeira vista, o *modo de organização argumentativo* da *Grammaire du sens et de l'expression* nos passou – e também a outros analistas do discurso – a impressão de que Charaudeau pregava um retorno total à argumentação clássica. Em alguns casos específicos (ou mesmo na linguagem cotidiana), certos atos de linguagem são concebidos apresentando a visada de argumentar, provar e ganhar uma causa.

Entretanto, houve pesquisadores que souberam ler, nas entrelinhas dessa *Gramática*, que a noção de *estratégia argumentativa* também está presente na parte dedicada aos modos de organização descritivo e narrativo desse livro, como já foi citado anteriormente.

Assim, tais analistas do discurso observaram que, além da visada argumentativa, presente na base de certos discursos, existem outros discursos que, mesmo sem terem sido construídos com o propósito explícito de

¹¹ Tradução nossa de: “J’ai passé l’autre jour une partie de la nuit avec les conducteurs de bus du Tremblay en Seine-Saint-Denis. [...] Et pourquoi ils doivent prendre des pavés sur la figure, voir leur bus caillassé, incendié? Au nom de quoi devrions-nous accepter cela?”

defender uma tese, acabam influenciando os leitores ou ouvintes uns mais que outros, construídos para esse fim específico.

No caso dos pesquisadores brasileiros, essa visão de uma argumentação mais fluída, mais sedutora, fez-se necessária pela variedade dos *corpora* com os quais trabalhamos. Quando definimos como objeto de pesquisa os discursos poético, musical, icônico, o discurso das narrativas de vida, entre outros, sentimos que são discursos em que existe uma argumentação, ainda que seus enunciados não apresentem um caráter estritamente lógico. Há, pois, uma *argumentação fluída* que percorre vários textos concebidos não para ganhar uma causa, mas para contar o nascimento de uma obra de arte, de uma sinfonia, de relatos ligados a histórias de vida, por exemplo. Essa argumentação aparece também em certos poemas¹², letras de canções, quadros etc.

Citamos, a seguir, um pequeno trecho retirado das memórias de Edgar Morin, para ilustrar o que foi exposto:

Do mesmo modo, Paris é também Cidade Luz e cidade tentacular. Mas, apesar da energia que ela mostra, Paris não é, como Nova York, Tóquio ou Teerã, uma cidade que não dorme nunca, ativa dia e noite. Tirando Pigalle e alguns lugares noturnos, a cidade dorme de noite, o metrô para, as estações se fecham, assim como os aeroportos. A metrópole cai no sono para acordar, se espreguiçar e se estirar com mais vigor pela manhã. (MORIN, 2013, p. 261)¹³.

O narrador mescla fatos concretos à sua visão – tão pessoal – de Paris. Podemos observar que, sobretudo a partir da terceira linha do parágrafo, ele humaniza a cidade em um movimento que a retórica das figuras classificaria de *prosopopéia*: Paris ganha vida humana e como uma bela mulher, dorme, espreguiça e acorda...

Morin descreve, pois, uma cidade que ama e por isso mesmo nem se preocupa em usar uma *visada argumentativa explícita*, já que não visa convencer ninguém de sua versão/visão de Paris. Ele simplesmente concede cores poéticas a sua narrativa. E, assim, sem a pretensão de induzir

¹² Segundo Machado (2013, p.25-29) os poemas “Autoretrato” e “O Bicho” de Manoel Bandeira estão nesse caso.

¹³ Nossa tradução de: “De même, Paris est à la fois Ville lumière et ville tentaculaire. Mais, en dépit de l'énergie qu'elle dégage, Paris n'est pas, comme New York ou Tokyo ou Téhéran, une ville qui ne dort jamais et s'active nuit et jour. Hormis Pigalle et quelques îlots noctambules, la ville dort la nuit, le métro s'arrête, les gares se ferment, de même que les aéroports. La métropole s'assoupit pour se réveiller, s'étirer et dégourdir puissamment le matin”.

todos seus leitores a raciocinar como ele, provavelmente conseguirá transmitir seus sentimentos que irão se coadunar com os daqueles que, como ele, amam Paris, mesmo sem conhecê-la tão bem quanto o memorialista.

A terceira fase da Semiologia & argumentação e retórica

Vamos, finalmente, para a terceira fase da argumentação inserida na Teoria Semiológica, situada entre 2005 a 2014, segundo nosso possível interpretativo da teoria.

Em uma obra escrita em 2008, justamente sobre os ditos de Sarkozy, enquanto *bête-politique* (ou seja: alguém cujo deus verdadeiro é a Política), a um dado momento, Charaudeau (2008, p. 21), ao relatar sobre os três fatores que sustentam uma boa campanha eleitoral, afirma: “Uma campanha eleitoral deve ser feita por meio de ideias simples e de estratégias *persuasivo-sedutoras* e que terão uma aparência lógica, tendo porém a emoção como pano de fundo. O ser humano, visto de modo coletivo, é mais um ser de paixão que de razão”.¹⁴ (grifos nossos).

Observamos que, com a menção a “estratégias *persuasivo-sedutoras*”, o teórico concede um novo lugar para a argumentação, diferente daquele tão explícito contido em sua *Grammaire du sens et de l’expression*. Como foi dito, o *modo de organização argumentativo* se mostra fundado na *persuasão* e esse seria um sinônimo para “argumentação racional”, baseado em fundamentos lógicos e na visada *persuasiva*. Aqui, o linguista parece abrir um espaço para a sedução e para a emoção na argumentação, o que será, sem dúvida, um ganho em sua teoria: esta vem contemplar as ideias daqueles que a praticam, de modo livre ou transgressivo¹⁵.

Iremos ousar a dizer que o teórico pode ter sentido necessidade dessa abertura maior no âmbito argumentativo, graças aos contatos que manteve conosco e com os membros de nosso grupo¹⁶, mas, é claro, também, pelos contatos/discussões que Charaudeau mantém com outros grupos e outros teóricos e pelas suas leituras e reflexões.

Ao livro de 2008, seguiram-se outros artigos do autor, nos quais verifica-se que ele amplia o leque argumentativo da Teoria Semiológica. É bem verdade que o que denominamos de “ampliação” talvez já pudesse

¹⁴ Tradução nossa de: “Une campagne électorale doit être faite d’idées simples et de stratégies de persuasion séductrice: une apparence de logique sur fond d’émotion. L’être humain, pris collectivement sous l’espèce du grand nombre, est un être de passion avant que de raison”.

¹⁵ Nosso caso.

¹⁶ Os *pupilos* também podem influenciar os mestres...

ser visto em alguns escritos anteriores ao livro, sobretudo naqueles em que o teórico expôs sua visão discursiva da emoção.

À guisa de conclusão

Estamos conscientes de que nos atribuímos aqui, livremente, uma tarefa bastante complicada: a de lançar um possível interpretativo sobre a presença constante da argumentação sempre atrelada à Análise Semiolinguística do discurso, teoria francesa que se aclimatou em vários laboratórios de AD, tanto no Brasil, quanto em outras nações da América Latina.

Voltamos a insistir ser este artigo reflexo de nossa visão pessoal e que foram nossos estudos sobre a narrativa de vida que nos encorajaram a expor tal ponto de vista, podendo nossas percepções encontrar ecos em outras – ou não. Enfim, ainda em concernência a essa perspectiva, notamos uma simpática evolução do linguista-criador-da-teoria no correr dos anos e dos *corpora* examinados.

Quais enfim os motivos desses nossos escritos? Eles nasceram de um desejo de expor como vemos a AD Semiolinguística e seus mistérios, pois, como toda teoria ela sempre reserva surpresas a seus leitores ou estudiosos. Visamos, também, enfatizar sua notável conexão com a Argumentação, não apenas a lógica – clássica e mais seletiva – mas também, com outros tipos de argumentação e retórica que levam em consideração os afetos e emoções do ser que se narra ao mostrar o trabalho de outros.

REFERÊNCIAS

- APPELFELD, A. **Histoire d'une vie**. Paris: Editions de L'Olivier/Le Seuil, 2004.
- BERTAUX, D. **Le récit de vie**. Paris: Nathan, 1997.
- CHARAUDEAU, P. **Langage et discours**. Paris: Hachette, 1983.
- _____. Grammaire du sens et de l'expression. Paris: Hachette, 1992.
- _____. **Entre populisme et peopolisme**. Comment Sarkozy a gagné! Paris: Vuibert, 2008.
- _____. Pathos and discours politique. In: RINN, M. (coord.), **Émotions et discours**. L'usage des passions dans la langue. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2008, p. 49-58.
- _____. L'arme cinglante de l'ironie et de la raillerie dans le débat présidentiel de 2012. In: **Humour et ironie dans la campagne présidentielle de 2012**. Langage & Société, n° 146, p. 35-47.
- FOENKINOS, D. **Les souvenirs**. Paris: Gallimard, 2011.
- MACHADO, I. L. **Essai d'analyse du fonctionnement de l'ironie comme élément de communication**. Toulouse, 368 p. 1988. (Thèse de Doctorat ès Lettres) – Université de Toulouse II, France.

- _____. **Analyse du discours et parodie**. Paris: L'Harmattan, 2013.
- _____. A AD, a AD no Brasil e a AD do Brasil. In: PAULA, L.; STAFUZZA, G. (org.) **Da Análise do Discurso no Brasil à Análise do Discurso do Brasil: três épocas histórico-analíticas**. Uberlândia: EDUFU, 2010, p. 203-230.
- _____; MENDES, E. A Análise Semiolinguística: seu percurso e sua efetiva tropicalização. In. **Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso**, volumen 13, número 2, 2013, p. 7-20.
- MAYAFFRE, D. **Nicolas Sarkozy**. *Mesure & Démesure du discours (2007-2012)*. Paris: SciencesPo. Les Presses, 2012.
- MODIANO, P. **Quartier perdu**. Paris: Gallimard, 1984.
- MORIN, E. **Mon Paris, ma mémoire**. Paris: Fayard, 2013.
- SARAMAGO, J. **Cadernos de Lanzarote II**. São Paulo: Ed. Sdhwarcz, 1999.
- SALMON, C. **Ces histoires qui nous gouvernent**. Paris: Jean-Claude Gawsewitch Éditeur, 2012.